

Devir de diferença/devir de identidade

paradoxos do mundo contemporâneo

Denise Mairesse
Tânia Mara Galli Fonseca

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAIRESSE, D., and FONSECA, TMG. Devir de diferença/devir de identidade: paradoxos do mundo contemporâneo. SILVEIRA, AF., *et al.*, org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 133-141. ISBN: 978-85-99662-88-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE IV

IDENTIDADE E GÊNERO

Devir de diferença/devir de identidade: paradoxos do mundo contemporâneo

Denise Mairesse¹

¹ Psicóloga Clínica e Institucional, aluno do Mestrado de Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Coordenadora professora e orientadora do Mestrado de Psicologia Social e

Falar ou escrever, desde a contemporaneidade, é referir-se a paradoxos. Enquanto sujeito deste tempo, interrogo-me sobre o viver na atualidade. Entre muitas questões, proponho-me a pensar e escrever sobre a subjetivação, enquanto processo de devir de diferença e devir de identidade. A fragilidade do eu e a pluralidade de formas de vir a ser na contemporaneidade colocam o sujeito sempre em questão. Todo tipo de ofertas de estilos de vida se encontram “a mercê do consumidor”. Cada uma delas se mostrando mais atraente, enquanto “diferente” da outra. Todas prometendo uma oportunidade para o sujeito distinguir-se da massa, “de ser você mesmo”, um sujeito autêntico. Este processo desenfreado de busca pela autenticidade parece uma marca do nosso tempo. Todos queremos ser únicos. A necessidade do sujeito de diferenciar-se e, ao mesmo tempo ser reconhecido por esta pretensa diferença, torna a todos cada vez mais parecidos. Eis aí um primeiro e principal paradoxo a ser abordado a partir da problemática a ser desenvolvida.

A fim de refletir sobre esta questão, penso que um pequeno passeio epistemológico pelo cenário da era que se desenrola se faz necessário. Vivemos num período de rupturas. O grande avanço do conhecimento e o desenvolvimento de novas tecnologias originaram diferentes discursos e práticas sociais capazes de instituírem novos fundamentos e verdades. Os pressupostos que fizeram do modelo de racionalidade científica da modernidade linear e absoluto, cada vez mais são desterritorializados por novos acontecimentos. Compõe-se novos modos de vivenciar o cotidiano. Escapa-nos a própria forma como experienciamos o ritmo do tempo que se impõe ao nosso fazer. A velocidade com que ocorrem estas transformações provocam perplexidade e uma sensação de profundo mal estar, fazendo com que, cada vez mais, cientistas em todas as áreas do conhecimento se dediquem à construção de novas racionalidades, numa tentativa de dar conta destes fenômenos. A incerteza inerente a todo objeto que se pretenda subjetivado e a velocidade com que ocorrem estas transformações impedem qualquer tentativa de dar conta de qualquer coisa. Ilusoriamente, velhos pressupostos buscam se eternizar, repetindo-se na noção de unidade, de

Institucional da UFRGS.

² Coordenadora professora e orientadora do Mestrado de Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

uno. E é, nestes momentos, que observamos o fracasso do eu, quando ele se pretende total e absoluto.

A paisagem, que hoje se constitui, reconhece e dá lugar a outras autorias sobre os conhecimentos-procedimentos produzidos, que aqueles tempos em que eram atribuídos como efeitos exclusivos do saber científico ou do poder do Estado e da Igreja. Neste momento, há um deslocamento do saber da ciência moderna, cuja natureza do ser constituía a principal justificativa da subjetivação de homens, mulheres e crianças organizando-as no plano da representação. A desmistificação da verdade e, conseqüentemente, do poder nela investido, rede fine uma nova forma de construção do social. Parte-se, então, do pressuposto de que o conhecimento é produzido em todas as instâncias, redesenhado e transformado desde a sua origem, seja ela social, cultural ou política. Isto é, situando-se desde um novo paradigma de investigação, estes conhecimentos-procedimentos só podem advir da confluência de todos estes lugares.

Neste sentido, a subjetivação, enquanto processo, constrói e é construída no e pelo mundo, constitui-se sempre num movimento temporal paradoxal onde

o passado e o presente não são dois momentos sucessivos no tempo, mas dois elementos que coexistem, o presente que não para de passar; o passado que não para de ser; mas pelo qual todos os presentes passam (...) Contemporaneidade do passado e do presente (Peter Pál Pelbart, 1996, p.53)

Uma variedade de formas, histórias, experiências, intenções e contingências se atualizam, compondo o universo de identificação. Uma infinita possibilidade de ser no mundo se coloca a disposição do sujeito.

Os verbos como optar, escolher e definir são palavras que se presentificam a todo instante no decorrer de nossas vidas. O que antes era dado como única possibilidade de vir a ser, lugares garantidos pela tradição, identidades herdadas e estáticas, resultado de histórias repetidas, racham-se, abrindo fendas por onde outros saberes se imiscuem questionando a eternidade de conceitos e valores.

Há a saturação de uma identidade estável e garantida por si mesma, isto é, o nosso passado, o nome de família, já não assegura um lugar, um papel (Michel Maffezoli, 1996: 304)

Nada mais garante nada, só resta ao sujeito se construir e reconstruir a partir de diversos movimentos de encontros e desencontros. Fluxos de intensidades se interpenetram, deixando rastros, registros que, se decodificado, são passíveis de conexões outras que aquelas onde, somente na “era da boa verdade”, eram reconhecidas.

Este lugar agora é construído no presente. O presente da encruzilhada, onde perpassam os caminhos da globalização, do neoliberalismo, da social-democracia... da pretensa liberdade e autonomia do sujeito. Interrogo-me, então, que devires se configuram desde este contexto sócio, cultural e político?

A subjetividade, enquanto controlada através de práticas de poder explícitas, mobilizava fluxos de forças contrárias nos grupos que lutavam pela sua liberdade de expressão e apropriação do poder sobre si mesmos, provocando enfrentamentos político-ideológicos que, muitas vezes, resultaram em grandes revoluções. Roberto Machado (1996), introduzindo a leitura de *Microfísica do Poder* de Michel Foucault, nos fala de um deslocamento do espaço de articulação do poder, de um nível macro, o do estado, para o que ele denomina microfísica do poder. Nesta instância, os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social,

tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo, gestos, atitudes, comportamento, hábitos, discursos (op.cit.,12).

Félix Guattari (1986: 16) retoma esta perspectiva foucaultiana num discurso contemporâneo sobre as formas de dominação da subjetivação.

Os modos de produção capitalísticos, funcionam através de um modo de controle de subjetivação, que eu chamaria de cultura de equivalência... E quando eu falo em sujeição subjetiva não me refiro apenas à publicidade para a produção e o consumo de bens. É a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também na tomada de poder da subjetividade.

Segundo este autor, uma grande máquina articulada e organizada pela nossa própria cultura produz uma subjetividade que cria um *sistema de submissão muito mais dissimulado* (op. cit,16).

A cultura vigente se retroalimenta das grandes descobertas, invenções, intenções de criação, do novo, do diferente. A subjetividade é envolvida, escravizada e normatizada. É explorada com o máximo de criatividade e tecnologia. Massificam-se os processos de subjetivação, capturando-os como matéria-prima para a produção de bens de consumo, de formas de ser, para a produção de uma cultura de massa.

Conforme Jean Baudrillard (1985), a massa não fez a história, mas a história a fez. É uma criação, produção de um sistema capitalista. A massa absorve toda a energia do social e do político, assim neutralizando-a. Anula todo e qualquer ato ou prática de transformação, tende a inércia do movimento, é um fluxo onde tudo que a atravessa é absorvido e diluído. Faz do grupo uma soma de indivíduos, que em conjunto não fazem mais sentido senão o de constituir a massa.

Assim, observamos florescer uma infinidade de categorias, nem sempre representáveis, verdadeiras fábricas de “eus ideais” brotando em todos os campos, em todos os terrenos. Kits “estilos de vida” são expostos na vitrina de um grande mercado de subjetividade oferecendo oportunidades do sujeito se tornar alguém. Compostos desde vestuário, acessórios e até normas de comportamento, que ditam as regras de relacionamento social para todas as instâncias determinadas como legítimas, ensinando as condutas adequadas na família, com os amigos e no trabalho. Parafraseando Guattari, “*produzindo inclusive aquilo que sonhamos*” (op.cit, 16).

Os “estilos de vida” têm uma função organizadora e estruturante do eu sobre esta diversidade de opções disponíveis. O sujeito, ao conectar-se a um estilo de vida, busca aderir a determinados valores e práticas sociais, buscando no reconhecimento de seus “iguais” (outros que adotam o mesmo estilo) a garantia de certezas que, como

verdades e fundamentos instituídos podem ser visualizados como anteparos de proteção aos humanos e como referências que, mesmo ilusionadamente, lhes conferem segurança.. (Tânia Mara Galli Fonseca, 1998)

A apropriação de determinadas ideias, hábitos e atitudes em comum vão constituir um meio de expressão e proteção de determinados grupos. O processo de identificação se constrói, a partir de valores e características eleitas como primordiais, norteados o papel de cada sujeito e dos grupos na

sociedade. Porém os critérios de verdades mais confiáveis só o são até novos parâmetros surgirem. A realidade do mundo contemporâneo impõe a circulação do sujeito por diferentes dispositivos e circuitos de produção de subjetividades tramadas por entre outras verdades e certezas, pondo a todo momento em questão aquelas às quais pretensamente este vinha construindo. Neste sentido, a própria lógica da identidade se torna passível de desconstrução diante da pluralidade de formas rizomáticas e conexões plugáveis, enquanto canais de subjetivação. Como efeito destas miscigenações novos sujeitos constituem novos grupos e subgrupos. Entre outras verdades estes se organizam, muitos instituindo novos modelos de identidade. Identidades rígidas e/ou identidades fragmentadas, ainda situadas dentro da mesma lógica obtusa da unificação e do eu ideal. A *infinitude do processo de produção de diferenças* (Suely Rolnik, 1996: 118) dispara novas modalidades de subjetivação onde, entre outras, as personagens ainda se reconhecem prostradas em devires homogeneizadores.

As intensidades resultantes da afetação produzida por este processo de produção de diferenças definem as novas modalidades em reconhecimento. Valores étnicos e religiosos são exaltados a fim de dar sustentação à precariedade do ser que sucumbe frente à sensação de esvaziamento. Conjuntamente com outras formas de fundamentalismos, mais do que o saber científico, o nome de Deus é convocado a justificar as práticas de terrorismo e violência, reatualizando-se na história da humanidade.

Outros modos de subjetivação ainda se potencializam diante desta paisagem, voltando a violência não somente para os outros que estão “fora”, mas para si mesmos, enquanto incorporação de outros referendados como modelos ideais, abafando os outros virtuais que habitam no ser. Realizam-se em montagens, a partir de diversos ideais recolhidos do universo dos possíveis. Constroem-se à imagem e semelhança de um suposto sujeito ideal. Negando a castração, evidencia-se o sujeito como totalidade e emerge-se no mundo da ilusão. Buscando a perfeição trata-se de tamponar a falta inerente à própria condição de ser sujeito. Neste engendramento identitário, operam mecanismos de identificação que se realizam através do olhar do Outro. Figuras reificadas reduzem o sujeito a possibilidades de sucesso. Transformam o múltiplo em um, o diferente em igual. Tenta-se frustrada mente fechar qualquer buraco não correspondente ao desejo de um

Outro mitificado. Um Outro produzido pela cultura, capturante dos processos de subjetivação, operando pelo imaginário social um modo de realizar-se. Sugado pela demanda deste Outro arrebatador tampona-se junto às tentativas de totalização, o desejar enquanto dispositivo de singularização, de criação e virtualização. Os objetos de desejo são reduzidos a objetos de consumo. Estes se reproduzem, enquanto marcas identitárias, para além das vestimentas, dos estilos de vida propostos... presentificam-se como um mesmo do próprio corpo.

Os equipamentos de visualização médicos tornam transparentes nossa interioridade orgânica. Os enxertos e as próteses nos misturam aos outros e aos artefatos. No prolongamento das sabedorias do corpo e das artes antigas da alimentação inventamos hoje cem maneiras de nos construir, de nos remodelar: dietética, body building, cirurgia plástica (...) Da socialização das funções somáticas ao auto controle dos afetos ou do humor pela bioquímica industrial, nossa vida física e psíquica passa cada vez mais por uma “exterioridade” complicada na qual se misturam circuitos econômicos, institucionais e tecnocientíficos. (Pierre Lèvy, 1997: 27)

Pierre Lèvy aponta para uma heterogênesse do corpo e do discurso. O limite que distingue a heterogênesse como devir de diferença ou devir de identidade é dado pelo modo do sujeito se apropriar de sua alteridade. O confrontar-se consigo mesmo enquanto outro, ou outros, é bifurcar-se por um caminho desconhecido e escorregadio. É lançar-se numa aventura onde a única companhia é o si próprio que vai se estranhando a cada passo dado. Uma viagem por outros universos de significação que convoca um novo olhar sobre as paisagens estabelecendo uma nova interface com o mundo e com os sujeitos. Assim é, quando nos deixamos atravessar e redesenhar por estes que nos visitam, muitas vezes se instalando e tornando-se parte de nós mesmos. Surgimento e mutação, não de um, mas de muitos em nós, causando perplexidade, surpresas, temor, terror, mas também sensação de alívio e liberdade na saída da mesmice,

do tédio infernal do Mesmo, na repetitividade sem história, num eterno presente que é em si a imagem de uma morte sem desfecho (Peter Pál Pelbart, 1993:20)

O desdobrar-se, deixando vir o “dentro” para “fora”, descobrindo aquele que se refugia nos interstícios das envergaduras, agencia no todo do sujeito uma nova configuração do ser. Em sua pluralidade, infinitas vezes

dialogam, disparando um novo processo, um devir de diferença. Um sujeito mais livre, mais leve... enquanto em movimento de devir, enquanto em processo de singularização, em entrelaçamento, junções e disjunções de si com os outros.

Trata-se (...) de ouvir as linhas de virtualidade que se anunciam e se perguntar: (...) Que agenciamentos são passíveis de trazê-los à existência, recompor um mundo, relançar o processo? (...) as escolhas são múltiplas e se fazem em função do que é melhor para a vida (...) Uma escolha ética, que é mais da ordem da arte do que do método: o que ela visa é criar formas de existência, a favor do processo vital (Suely Rolnik, 1996:7).

Referências bibliográficas

- FONSECA, Tânia Mara Galli. *Sujeito, Instituições e Práticas Sociais*, Trabalho apresentado no Seminário inaugural do PPGPSI da UFRGS “Novos Territórios, Novas Paisagens” em 03/1998.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*, 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- GERGEN, Kenneth J, *El Yo Saturado: Dilemas de Identidad en el Mundo Contemporâneo*, 3ª ed., Buenos Aires: Paidós, 1997.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely, *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1986.
- KOLTAI, Caterina (org.), *O estrangeiro*, São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998.
- LÈVY, Pierre, *O Que é o Virtual?* 1ª ed., São Paulo: Ed.34, 1996.
- MAFFEZOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*, Petrópolis: Vozes, 1996.
- PELBART, Peter Pál. *A Nau do Tempo Rei*: sete ensaios sobre o tempo da loucura, Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. *O Tempo Não Reconciliado*: imagens de tempo em Deleuze, Tese de Doutorado da FFLCH – USP, São Paulo, 1996.
- ROLNIK, Suely, *Novas Figuras do Caos*: mutações da subjetividade contemporânea, Texto apresentado em mesa redonda no III Congresso Internacional Latino Americano de Semiótica, Puc-SP, São Paulo, 04/09/96.

_____ Guerra dos Gêneros e Guerra aos Gêneros, *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p, 118 à 123, 1º semestre, 1996.

SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A.